



Inviáveis Preços¹

Finalizou 2014 sob a cena da repentina queda nas cotações do petróleo (rainha das *commodities*). Decisão da OPEP em manter sua oferta ao redor dos 30 milhões de barris ao dia² associada à súbita elevação da produção estadunidense³, que já supera os 9 milhões de barris/dia em uma clara estratégia de alcance da autossuficiência energética, acelerou a tendência de queda nas cotações do produto. Tal feito é resultado da difusão acelerada da tecnologia de fraturamento de rocha de xisto para a produção de hidrocarbonetos⁴, processo custoso e ambientalmente bastante questionável, porém, a pleno vapor naquele país.

Ademais, a economia global ainda não conseguiu trilhar nova rota de crescimento pós-ruptura de 2008. Estagnação europeia e japonesa, ligeiro crescimento da economia estadunidense - porém, sem criação de empregos e a desaceleração chinesa - remetem a um contexto de redução da demanda por *commodities* em geral e petróleo em particular, desencadeando incremento de estoques e acentuando a baixa dos seus preços.

Concomitantemente, o conflito na província da Crimeia e o movimento separatista em demais regiões ucranianas desencadearam no Ocidente levantamento de sanções comerciais/econômicas contra a Federação Russa, grande exportador de petróleo e gás para a União Europeia. Aparentemente, assiste-se à reedição da Guerra Fria - temática ainda controversa no debate, em que, ao invés da exibição do poderio armamentista, passa-se na atualidade para a adoção de mecanismos de estrangulamento do mercado como bloqueio ao acesso a fornecedores de gêneros de variadas naturezas, inclusive os de primeira necessidade, suspensão das aquisições de itens de fabricação russa e substituição de insumos oriundos daquele território. A queda nas cotações do petróleo contribui na aceleração da produção de crise fiscal na Federação, sendo provável que em algum momento demandará socorro financeiro das instituições responsáveis pela saúde econômica das nações (FMI, Banco Mundial, Banco dos BRICS).

A sinalização de que haverá elevação nas taxas de juros por parte do Federal Reserve (banco central estadunidense) estimula a indústria petroleira a incrementar sua produção (amortizar o endividamento antes da majoração dos juros) e, paralelamente,

pressiona os armazenadores que, ao arcar com maiores custos financeiros de estocagem, repassam-nos aos preços correntes, sendo esse movimento contraditório mais um fator de depressão no mercado do produto.

É sabido que o custo dos derivados do petróleo na matriz produtiva dos mais distintos segmentos é bastante significativo, estando a economia global a transitar pela vizinhança da deflação. A drástica redução nas cotações do petróleo e seu repasse aos derivados poderão lançar a economia global definitivamente na rota da deflação, produzindo a mais temível das doenças que a economia pode exibir. Trata-se, portanto, de espécie de jogo perde-perde com potencial de acelerar conflitos e o alastramento da desigualdade e da penúria das populações mais fragilizadas.

Aparentemente, o atual contexto possui capacidade potencial de promover ação disruptora da atividade econômica à semelhança daquilo que se observou em 2008. Lançou-se sobre a dinâmica dos negócios um recrudescer da incerteza, acercando perigosamente o colapso.

Assim, o longo período de cotações do petróleo em altos patamares permitiu a viabilização econômica/estratégica da tecnologia do fraturamento que desencadeou rearranjo da matriz econômica/organizacional global a partir da postura do cartel dos concorrentes. A destruição criativa far-se-á valer por meio de onda de fusões & aquisições (F&A) entre as empresas líderes, incrementando a concentração do capital e restringindo a margem de manobra para as nações adotarem medidas contracíclicas, largamente empregadas entre 2009 e 2010.

Estabelecer patamar para as cotações do petróleo exige quadro normativo, ainda inexistente - cotações formadas pelo mercado, porém, de elevado custo social, tendo em vista que os países encontram-se esgotados após a dinamização das despesas visando debelar a passada crise. A busca de tal novo arranjo, caso conduzido por fóruns de decisão supranacionais, também carece de mecanismos de financiamento do esforço, pois entre os países que compõem tais fóruns encontram-se aqueles que se beneficiam dos preços baixo (China, por exemplo).

A solução de mercado pautada pela reversão do ciclo econômico parece inadequada, na medida em que, desde 2008, espera-se tal inflexão, porém, não ainda atingida. Mesmo a exceção representada pelos Estados Unidos é, aparentemente, insustentável, pois incrementou os níveis de desigualdade na sociedade civil, abalando o espírito do *way of life*.

A concentração do capital como resultado da queda nas cotações do petróleo (e das demais *commodities* em função da tendência histórica de proporções de paridade entre elas) pode ensejar a construção de arquitetura capaz de administrar os preços, o

que representaria solução de curto prazo para a crise. A aposta é arriscada na medida em que, para se contrapor a um cartel, chancela-se a construção de outro.

Para o agronegócio brasileiro, os efeitos combinados de estresse econômico e geopolítico poderão promover, por hipótese, acirramento da competitividade nos mercados de *commodities* devido sua provável contração. Tal fenômeno pode ser benéfico, pois preços mais baixos exigiram maiores subsídios por parte de nossos concorrentes, conduzindo-os a um esgotamento da política de intervenção nos mercados. Os efeitos podem variar dependendo do atributo de elasticidade/inelasticidade de cada produto. Na agroenergia pode ser devastador, enquanto no café a demanda global permanece relativamente estável devido a sua conhecida inelasticidade.

Inicia-se 2015 sob a incerteza dos efeitos da chamada petrorruptura⁵. A abrangência e profundidade das mudanças que induzidas pelo fenômeno serão ainda objeto de averiguação permanente. A instabilidade provocada pode redirecionar a dinâmica econômica produzindo crescimento mais baixo, demanda mais fraca e necessidade de adoção de inovações capazes de intensificar a tenacidade dos sistemas produtivos. No agronegócio café não será diferente.

¹O autor agradece os comentários e as sugestões do Agente de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica do IEA, Paulo Sérgio Caldeira Franco.

²Isso sem mobilizar toda a capacidade ociosa da Arábia Saudita, que permanece em *stand by* para acirrar a guerra de preços, se ela vier a se concretizar.

³E também canadense, porém, por meio da extração a partir de areias betuminosas, com custos ambientais igualmente elevadíssimos.

⁴Os custos do fraturamento rondam US\$70/barril. Componente importante na matriz de formação desse custo consiste no pagamento de renda aos proprietários particulares das jazidas exploradas.

⁵VEGRO, C. L. R. Petrorrupturas. *Análises e Indicadores do Agronegócio*, São Paulo, v. 9, n. 12, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=13551>>. Acesso em: jan. 2015.

Palavras-chave: preços relativos, cotações de petróleo, cotações de *commodities*.

Celso Luis Rodrigues Vegro
Pesquisador do IEA
celvegro@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação em: 13/01/2015